

HIV na Terceira Idade: diferentes vozes, um problema¹

Matheus Dornelles PANDOLFO²

Mariana Brito CECCON³

Janine Marques Passini LUCHT⁴

Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM-Sul), Porto Alegre/RS

RESUMO

O radiodocumentário “HIV na Terceira Idade: diferentes vozes, um problema” foi produzido na disciplina de Produção e Edição de Som⁵ da ESPM-Sul, em julho de 2014. A partir dos depoimentos de três pessoas portadoras do vírus HIV, o documentário promove uma discussão sobre a sexualidade na terceira idade e também sobre como as pessoas soropositivas são vistas pela sociedade. Portanto, o objetivo deste trabalho é denunciar o preconceito acerca dos portadores do vírus HIV, bem como desconstruir do imaginário popular a concepção de que a Aids é uma doença de alguns grupos, como homossexuais e usuários de drogas. É imprescindível que a Aids seja vista como uma doença de todos para que a sociedade consiga combater a doença de forma efetiva.

PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo; radiodocumentário; gêneros radiojornalísticos; HIV/Aids.

1 INTRODUÇÃO

Os primeiros casos de HIV/Aids no mundo foram relatados em 1977 e 1978 nos Estados Unidos da América, no Haiti e na África Central. Entretanto, esses casos só foram classificados como Aids em 1982, quando se identificou a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. No Brasil, o primeiro caso constatado se dá em 1980, porém também só foi classificado em 1982, segundo informações⁶ do Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais.

O descobrimento da Aids foi coberto de preconceitos e desinformação, de modo que um dos primeiros nomes dados à síndrome foi “Doença dos 5 H”, representando os

¹ Trabalho submetido ao XXII Prêmio Expocom 2015, na Categoria Jornalismo, modalidade JO15 Documentário Jornalístico e Grande Reportagem em áudio e rádio.

² Aluno líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da ESPM-Sul, email: mdpandolfo@gmail.com

³ Estudante do 7º. Semestre do Curso Jornalismo da ESPM-Sul, email: marianabcecon@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso Jornalismo da ESPM-Sul, email: janine@espm.br

⁵ Currículo 2011.

⁶ Portal sobre aids, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais. *História da Aids*. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>>. Acesso em: 19 abril 2015.

homossexuais, hemofílicos, haitianos, heroínômanos - usuários de heroína injetável - e hookers - termo em inglês para designar as profissionais do sexo. A falta de informação acerca da doença gerou pânico na população, visto que não se tinha conhecimento sobre as formas de tratamento. Apenas em 1996, chegou-se a um consenso no Brasil sobre quais medicamentos ajudam a combater o HIV. A partir daí, um dos principais responsáveis pela diminuição da carga viral, o AZT venoso, passa a ser distribuído gratuitamente no Sistema Único de Saúde (SUS), também de acordo com o Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais (2015).

Devido à insegurança e desinformação, durante muitos anos, receber um diagnóstico de HIV/Aids era uma sentença de morte. A partir disso, criou-se um estigma sobre a doença e seus portadores. Apesar do avanço da medicina no tratamento e das milhares de pessoas que sobrevivem à síndrome e conseguem chegar a idades avançadas, o preconceito em torno das pessoas soropositivas ainda persiste.

Em busca dessa problematização e de histórias de vida de pessoas reais com HIV, dois alunos de Jornalismo ESPM-Sul decidiram produzir um radiodocumentário que relatasse essa realidade complexa, em especial em pessoas de idade avançada. Isso porque o profissional do jornalismo cumpre um papel fundamental na construção política e social da sociedade, considerando que dispõe de um espaço de poder – a mídia – para promover debates e mediar conflitos, segundo Vieira (2010). Além de informar, a imprensa também tem como escopo formar opinião e fazer denúncias. Mais que isso, conforme Barbeiro e Lima (2003), o jornalismo tem o compromisso de garantir a universalidade dos direitos humanos.

Sendo assim, o radiodocumentário “HIV na Terceira Idade: diferentes vozes, um problema” é um projeto laboratorial desenvolvido na cadeira de Produção e Edição de Som, ministrada no 5º semestre de Jornalismo da ESPM-Sul. Durante 15 minutos, o documentário conta a história de três pessoas infectadas pelo vírus HIV no início dos anos 90 e apresenta, através dos depoimentos, as formas como elas enfrentaram os obstáculos que a doença impôs. A seguir, será elucidado como se deu a dinâmica de produção do trabalho, bem como as principais características do rádio e do gênero interpretativo, no qual o documentário radiofônico se insere, de acordo com Lucht (2010).

2 OBJETIVO

Ao desenvolver o radiodocumentário “HIV na Terceira Idade: diferentes vozes, um problema”, os alunos da ESPM-Sul tinham como objetivo evidenciar o preconceito e o estigma existente em relação às pessoas soropositivas, bem como alertar a população que a Aids não é uma doença de alguns grupos, pelo contrário, qualquer camada da população está suscetível à contaminação, o que faz do HIV um problema de todos. Além disso, o projeto proporcionou aos estudantes de jornalismo vivenciar a realidade de produção de um radiodocumentário, aliando a teoria vista em sala de aula com a prática.

Portanto, a partir da realização deste documentário foi possível clarificar os mitos acerca das formas de infecção do vírus, desconstruir o estigma em relação aos soropositivos, mas também alertar as pessoas sobre a importância de prevenir-se, visto que o trabalho traz histórias de pessoas que se sentiam “seguras”, mas foram infectadas.

3 JUSTIFICATIVA

A realização do documentário radiofônico que tem como temática HIV na terceira idade é relevante, uma vez que 25 anos após o primeiro caso de AIDS no Brasil, a doença continua mergulhada em uma série de preconceitos e estigmas. Os autores Barbeiro e Lima (2003, p. 210) definem estigmas como “marcas sociais que certos grupos, pessoas e até lugares recebem; características atribuídas socialmente”.

Nesse sentido, o documentário teve como proposta desconstruir o estigma existente em relação aos portadores de HIV. Apesar da denominação “Doença dos 5H” ter surgido em uma época que prevalecia a desinformação acerca das formas de contágio e tratamento do HIV, ainda persiste no imaginário popular a concepção de que a Aids é uma doença que atinge apenas alguns grupos.

A sensação de imunidade que muitas pessoas têm faz com que elas subestimem o risco de infecção, o que pode ser visto como uma atitude temerária, dado que Porto Alegre é, há sete anos, a capital brasileira com a maior taxa de detecção de Aids registrada em 2013. São 96,2 casos⁷ para cada 100 mil habitantes, o que representa mais que o dobro da taxa do Rio Grande do Sul e quase cinco vezes a taxa do Brasil que é 20,4 casos para cada 100 mil habitantes. Ademais, o Rio Grande do Sul também lidera o ranking dos estados com maior incidência da doença. São 41,3 novos casos para cada 100 mil habitantes.

⁷ Dados do BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO AIDS/DST. Brasília - 2014, ISSN: 1517-1159, Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_1_pdf_60254.pdf>. Acesso em: 20 de abril 2015.

Nesse sentido, o documentário se justifica porque traz à tona o cenário da Aids no Rio Grande do Sul e problematiza a forma como a população enxerga a doença. A grande mídia costuma veicular reportagens relacionadas à doença em épocas em que a temática ganha força, por exemplo, nas vésperas do dia 1º de dezembro, Dia Mundial do Combate à Aids. Nesse período, o assunto ganha evidência de acordo com os critérios de noticiabilidade visto que é uma data reconhecida mundialmente na luta contra a Aids.

Contudo, a escolha da temática também está relacionada aos valores-notícia destacados por Traquina (2008), que são: a relevância que determinado assunto ou acontecimento tem sobre a vida das pessoas e a proximidade do tema com base em aspectos geográficos e culturais. Além disso, o documentário cumpre um papel social já que a imprensa tem como compromisso denunciar casos de discriminação, seja ela explícita ou velada, bem como situações de violação dos direitos humanos (BARBEIRO; LIMA, 2003).

Além disso, é fundamental que os alunos experimentem ainda na faculdade as etapas do processo de construção de um documentário, que abarcam situações da prática jornalística, como pesquisa, apuração, verificação de dados, realização de entrevistas, elaboração de um roteiro e edição do material. Nesse sentido, durante o desenvolvimento do trabalho, os estudantes tiveram a chance de aperfeiçoar suas habilidades jornalísticas, tanto do ponto de vista técnico como acadêmico.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O rádio é um veículo de massa democrático, uma vez que através de ondas curtas é capaz de percorrer o mundo, abrangendo cada país, cidade e vila. Isto é, o rádio não respeita limites territoriais. Isso se dá também devido ao fato de tratar-se de um veículo de comunicação barato em termos técnicos. “A principal dificuldade em montar uma estação geralmente não é financeira, mas, sim, obter uma frequência de transmissão” (MCLEISH, 2001, p. 17). Ademais, o rádio também é barato para o ouvinte.

A maioria da população tem possibilidade de adquirir um aparelho de rádio. [...] Tal fato ocorre porque seu preço é quase sempre acessível e sua abrangência alcança basicamente qualquer lugar, mesmo onde não existe energia elétrica ou as transmissões televisivas ainda não chegaram. Sendo assim, o rádio está sempre por perto, ao alcance da mão ou do ouvido, atingindo todos, da criança ao idoso (BARBOSA FILHO, 2003, p. 48).

Além do potencial de penetração e de suas características acessíveis, o rádio também tem como propriedade o caráter imediato, a simplicidade, a surpresa e, principalmente, a intimidade. “Ao mesmo tempo que atinge milhares de pessoas, o rádio é voltado para o indivíduo em particular. As palavras, as formas de falar, são pensadas para o ouvinte com suas particularidades e expectativas” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 46- 47). Significa dizer que entre o rádio e o ouvinte há uma relação de proximidade, fazendo o veículo radiofônico um companheiro das pessoas. Nesse sentido, Mcleish explica:

Diferentemente da televisão, em que o telespectador está observando algo que sai de uma caixa ‘que está ali’, as paisagens e sons do rádio são criados dentro de nós, podendo ter impacto e envolvimento maiores. O rádio em fones de ouvido acontece literalmente dentro da cabeça (MCLEISH, 2001, p. 16).

Enquanto a televisão conta com o som e a imagem, o rádio tem como arma apenas a voz, isto é, a fala. Apesar de o rádio ser um meio “cego”, através de sua linguagem sonora o veículo é capaz de estimular a imaginação, envolvendo o ouvinte que “irá criar na sua mente a visualização do dono da voz ou do que está sendo dito” (BARBOSA FILHO, 2003, p. 45). Com base nisso, o ouvinte tem a liberdade de criar. “Ao contrário da televisão, em que as imagens são limitadas pelo tamanho da tela, as imagens do rádio são do tamanho que você quiser”, ressalta Mcleish (2001, p. 16).

O rádio possui uma importante função social, uma vez que, desde a sua criação, estabeleceu-se como um serviço de utilidade pública, atuando como um meio de comunicação que propõe debate social, mobiliza as pessoas e promove transformações (BARBOSA FILHO, 2003).

Tomando tais tributos e caracterizando o documentário radiofônico como um formato do gênero interpretativo, segundo classificação proposta por Lucht (2010), ressalta-se que interpretar nada mais é que do que informar sem opinar, oferecer ao leitor, ouvinte ou telespectador o panorama completo de uma determinada situação (VILAS BOAS, 1996). Nesta linha, Lage (2012, p.136) define o jornalismo interpretativo como “um tipo de informação em que se evidenciam consequências ou implicações dos dados”. Para o autor, no jornalismo interpretativo, o repórter oferece ao leitor elementos suficientes para que ele tire suas próprias conclusões.

Nesse sentido, Costa e Lucht (2010) destacam que o texto interpretativo tem como principais atributos a contextualização, o aprofundamento, os antecedentes, as causas e as consequências e a humanização do relato. No caso do formato radiodocumentário, “o caráter atual, o uso de documentos como registro, a não obrigatoriedade da presença de um

narrador e a ampla utilização de montagens ficcionais” (LUCHT, 2010, p. 281) são características-chave. Sobretudo, o documentário de rádio se trata de um relato sonoro documentado, como esclarece Mcleish:

Um documentário apresenta somente fatos, baseados em evidência documentada - registros escritos, fontes que podem ser citadas, entrevistas atuais e coisas do gênero. O objetivo fundamental é informar, mostrar uma história ou situação sempre se baseando na reportagem honesta e equilibrada (MCLEISH, 2001, p. 191).

Barbosa Filho (2003), por seu turno, descreve o documentário radiofônico como uma análise com função de aprofundar determinado assunto ou tema, construído com a participação do repórter condutor:

O documentário jornalístico mescla pesquisa documental, mediações dos fatos *in loco*, comentários de especialistas e de envolvidos no acontecimento, e desenvolve uma investigação sobre um fato ou conjunto de fatos reais, oportunos e de interesse atual, de conotação não-artística (BARBOSA FILHO, 2003, p. 102).

Na mesma direção, Ferraretto (2000) defende que no formato radiodocumentário, o jornalista deve abordar apenas um tema e de forma aprofundada, com o intuito de reconstituir ou analisar um fato importante, valendo-se de pesquisas de dados e arquivos sonoros, bem como de recursos de sonoplastia. Para Chantler e Stewart (2006), o documentário de rádio deve ter uma história para contar. Os autores destacam a importância da diversidade de relatos na composição de um documentário, dado que traz mais emoção e autenticidade para o programa. “Lembre-se de que as palavras das outras pessoas causam mais impacto que as suas, e que há sons muito mais importante que palavras. Essa é a essência do documentário. Use todos esses recursos e seu documentário será memorável” (CHANTLER; STEWART, 2006, p. 203). Sendo assim, o jornalista deve buscar vozes e tons que surpreendam o ouvinte e façam com que ele se envolva com as histórias contadas no documentário.

Segundo Mcleish (2001), a escolha de temas para serem abordados nos documentários normalmente se dá a partir de questões contemporâneas, como meio ambiente, relações raciais, desenvolvimento urbano, pesquisas médicas, entre outros, e as formas como a sociedade enfrenta as mudanças. Sobretudo, o elemento crucial do radiodocumentário é o ser humano.

Com base nas características do veículo rádio e do formato radiodocumentário, os estudantes de jornalismo concluíram ser adequado e relevante abordar o HIV na terceira

idade, dado que a temática tem grande importância social e que através do relato dos entrevistados era possível contar a história de pessoas soropositivas e o preconceito e estigma que elas enfrentam, de forma que o documentário seria capaz de denunciar essa realidade e estimular uma reflexão por parte dos ouvintes.

No próximo item serão detalhadas as etapas de realização do radiodocumentário “HIV na Terceira Idade: diferentes vozes, um problema”.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O documentário de rádio em questão foi produzido para a disciplina de Produção e Edição de Som, ministrada pela Prof^a Dr^a Janine Marques Passini Lucht. O trabalho foi desenvolvido ao longo de três meses, após um mês de aulas expositivas abordando as técnicas, características, fundamentos e processos de produção de um radiodocumentário. A decisão de abordar o tema “HIV na terceira idade” partiu dos alunos, com base na percepção de que há um receio em falar de sexualidade na terceira idade, assim como existe um imaginário popular a respeito do perfil das pessoas portadoras do vírus HIV.

Sendo assim, os alunos optaram por valer-se do relato humanizado de pessoas que foram infectadas pelo vírus e sofreram e sofrem com o estigma acerca do HIV/Aids. A partir disso, iniciou-se a fase de produção e apuração. A dupla de estudantes realizou pesquisas com o intuito de compreender como se deu a descoberta da Aids no mundo e no Brasil. Além disso, foi realizada uma pesquisa no Boletim Epidemiológico HIV/Aids de 2013, elaborado pelo Ministério da Saúde, a fim de contextualizar o cenário de incidência de casos de Aids no Brasil, mas principalmente no Rio Grande do Sul e Porto Alegre.

A primeira pessoa a ser entrevistada foi Beatriz Pacheco, 65 anos, referência na luta contra o HIV no Rio Grande do Sul. Beatriz descobriu que era soropositiva aos 50 anos. Ela contraiu o vírus do segundo marido, infectado em uma transfusão de sangue. Através de Beatriz, os estudantes obtiveram o contato de Medianeira Gonçalves, 61 anos, coordenadora da Amavida (Associação Medianeira de Apoio a Vida). Assim como Beatriz, Medianeira também foi infectada pelo marido que sabia ser soropositivo, mas não a avisou, nem evitou o contágio. A terceira história contada no documentário é a de Renato, 65 anos, que pediu para não ser identificado. Ele procura manter em sigilo que é soropositivo porque tem medo de ser discriminado.

As histórias de Beatriz, Medianeira e Renato são permeadas com dados e entrevistas com especialistas sobre HIV/Aids, são eles: a coordenadora do Grupo de Apoio a Prevenção da Aids (Gapa), Carla Almeida; a ex-coordenadora do projeto Amadurecer - projeto de prevenção a DST/AIDS na população idosa, Anelise Giacomet; e a responsável pela Equipe de Vigilância de Doenças Transmissíveis DST/AIDS da Secretaria Municipal da Saúde de Porto Alegre, Isete Maria Stella.

Todas as entrevistas foram realizadas presencialmente e, depois, transcritas na íntegra. Em seguida, foram selecionados os trechos das entrevistas a serem aproveitados na montagem do documentário e, a partir disso, foi elaborado um esqueleto de roteiro. Os estudantes optaram pela figura do narrador com o propósito de conduzir os ouvintes através de uma narrativa explicativa e lógica. Com base na estrutura pré-organizada, foram redigidas as locuções de acordo com os trechos das entrevistas “recortados”, assim como com os dados e materiais apurados a fim de contextualizar o cenário do HIV/Aids no Estado.

Em sua primeira versão, o radiodocumentário tinha 30 minutos de duração, após uma conversa entre alunos e professora, verificou-se a necessidade de reduzir o seu tempo visando um aproveitamento melhor das entrevistas e dar mais dinamicidade ao produto final, além de deixá-lo mais próximo de um material comercialmente veiculável. Sendo assim, os alunos orientandos começaram um processo de edição do material, finalizando-o com 15 minutos. A edição do material e a gravação das locuções foram realizadas juntamente com um profissional de áudio da ESPM-Sul, Cassiano Pradella, para dar ao radiodocumentário uma finalização profissional.

Durante a edição, os estudantes optaram por valer-se de recursos de sonoplastia nos momentos iniciais do documentário. Foram selecionadas as frases impactantes dos entrevistados, estruturando de forma não convencional a abertura do radiodocumentário. Da mesma forma, duas músicas do cantor Cazuza foram selecionadas para compor a trilha sonora do trabalho por conta do artista ter sido infectado pelo vírus HIV e ter se tornado um dos símbolos da luta contra a Aids no Brasil. As músicas utilizadas foram “O Tempo Não Para” e “Todo o Amor Que Houver Nessa Vida”.

O desenvolvimento deste trabalho possibilitou aos estudantes envolvidos a experiência da aplicação da teoria vista em sala de aula. Foi necessário colocar em prática o contato com as fontes, a aplicação de técnicas de entrevistas, a apuração e verificação de dados, a elaboração de um roteiro, a seleção do material coletado, a realização da gravação

das locuções e a edição final do documentário. Sendo assim, os estudantes tiveram a oportunidade de experimentar a prática do fazer jornalístico no ambiente universitário.

6 CONSIDERAÇÕES

Ao longo da realização do radiodocumentário, os alunos perceberam que o HIV/Aids não vem sendo abordado de forma aprofundada pela grande imprensa. A mídia em geral produz matérias sobre a doença quando são divulgados, por exemplo, os Boletins Epidemiológicos. Visto isso, é fundamental que cada vez mais sejam produzidos trabalhos que tratem das formas de contágio do vírus HIV, das terapias antirretrovirais, dos avanços nos estudos acerca das formas de tratamento e cura, mas principalmente, da discriminação que as pessoas soropositivas sofrem.

Muitas pessoas soropositivas optam por esconder a sorologia por receio do julgamento moral da sociedade. Há quem ainda hoje acredite que a Aids é uma doença de pessoas promíscuas, imaginário criado na década de 1980, quando não se tinha informação sobre a doença. Considerando isso, os portadores do vírus são obrigados a conviver com atitudes preconceituosas, que resultam no isolamento social dessas pessoas. Contudo, os soropositivos vêm reagindo a esses estigmas sociais e lutam para eliminar o preconceito.

Ao abordar o tema HIV na terceira idade, buscamos alertar a população que é preciso falar abertamente sobre sexualidade, independentemente da idade. As pessoas precisam se desamarrar dos tabus e discutir sobre sexo, métodos de prevenção e Aids. Sendo assim, para além de seu caráter informativo, o documentário serve como ferramenta preventiva - ao alertar e desconstruir estigmas sobre o assunto - e também como ferramenta de estímulo a ação social - já que propõe uma reflexão e estimula a sociedade ou alguns grupos a se mobilizarem no combate à discriminação referente ao soropositivos, bem como nas campanhas de prevenção da Aids.

Por fim, a realização deste documentário de rádio contribui para que os estudantes de jornalismo vivenciem no ambiente acadêmico situações da prática jornalística. Fazendo-os experimentar, idealizar e executar cada processo que envolve a criação do produto jornalístico que é um radiodocumentário, de modo que possam relacionar as teorias e os fundamentos aprendidos em sala de aula com a execução prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBEIRO, Heródoto; LIMA, Paulo Rodolfo de. **Manual de Radiojornalismo: produção, ética e Internet**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

BARBOSA FILHO, André. **Gêneros Radiofônicos**. São Paulo: Paulinas, 2003.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO AIDS/DST. Brasília - 2014, ISSN: 1517-1159, Ministério da Saúde - Secretaria de Vigilância em Saúde - Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/sites/default/files/anexos/publicacao/2014/56677/boletim_2014_1_pdf_60254.pdf>. Acesso em: 20 de abril 2015.

CHANTLER, Paul; STWART, Peter. **Fundamentos do Radiojornalismo**. São Paulo: Roca, 2006.

COSTA, Lailton; LUCHT, Janine Marques Passini. Gênero Interpretativo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2000.

Portal sobre aids, doenças sexualmente transmissíveis e hepatites virais. **História da Aids**. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>>. Acesso em: 19 abril 2015.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2012.

LUCHT, Janine Marques Passini. Gêneros no Radiojornalismo. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de (Org.). Gêneros jornalísticos no Brasil. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MCLEISH, Robert. **Produção de Rádio: um guia abrangente da produção radiofônica**. São Paulo: Summus, 2001.

VIEIRA, Fabiana Pandovan. **O papel(ão) da mídia na sociedade**. Observatório de Imprensa, 26/10/2010, edição 613. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/o_papelao_da_midia_na_sociedade/> Acesso em: 19 de abril 2015.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus, 1996.